



CONJUNTURA INTERNACIONAL: O PLANETA EM AMBIENTE DE MUDANÇAS E INCERTEZAS

Grupo de Análise de Conjuntura da CNBB – Padre Thierry Linard¹
9 de agosto de 2024

“Enquanto no mundo há tanta gente que sofre pelas calamidades e a fome, continua-se a produzir e vender armas e a queimar recursos, alimentando guerras grandes e pequenas. Este é um escândalo que a comunidade internacional não deveria tolerar”. (Conta do Papa Francisco no "X", 28/07/2024.)

SUMÁRIO

Introdução: mudanças e incertezas

1. **Tendências da economia mundial e da América Latina em tempos de financeirização da riqueza**
2. **Desigualdades sociais e migrações como consequências do neoliberalismo e da financeirização**
3. **A crise da democracia representativa e o fortalecimento da extrema direita na política**
4. **As mudanças na geopolítica global, os conflitos e as guerras**
5. **O aquecimento global e os rumos da crise ambiental**
6. **Sinais de esperança na conjuntura internacional**

¹ Este texto é um produto da equipe de Análise de Conjuntura da CNBB. É um serviço para a CNBB. Não representa, contudo, a opinião da Conferência. A equipe é formada por membros da Conferência, assessores, professores das universidades católicas e por peritos convidados. Participaram da elaboração deste texto: Dom Francisco Lima Soares – Bispo de Carolina (MA), Frei Jorge Luiz Soares da Silva – assessor de relações institucionais e governamentais da CNBB, Pe. Thierry Linard de Guertechin, S.J. (*in memoriam*), Antonio Carlos A. Lobão – PUC/Campinas, Francisco Botelho – CBJP, Izete Pengo Bagolin – PUC/Rio Grande do Sul, Maria Cecília Pilla – PUC/Paraná, Jackson Teixeira Bittencourt – PUC/Paraná, José Reinaldo F. Martins Filho – PUC/Goiás, Ricardo Ismael – PUC/Rio, Manoel S. Moraes de Almeida – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Marcel Guedes Leite – PUC/São Paulo, Robson Sávio Reis Souza – PUC/Minas, Ima Vieira – REPAM, Tânia Bacelar – UFPE, Maria Lucia Fattorelli – Auditoria Cidadã da Dívida, José Geraldo de Sousa Júnior – UnB e Melillo Dinis do Nascimento – Inteligência Política (IP).





INTRODUÇÃO: MUDANÇAS E INCERTEZAS

A caminhada da humanidade na Terra foi marcada por sofrimento e superação, por alegrias e lágrimas. Momentos de paz e prosperidade sucedidos por guerras e destruições compõem uma história em que a esperança de melhores dias desafia os corações dos seres humanos que habitam o planeta. O movimento em espiral da nossa história foi composto de avanços quantitativos e qualitativos, mas também, de retrocessos nas várias dimensões da vida em sociedade. Estabilidade e caos, previsibilidade e incerteza estiveram presentes em diferentes momentos da nossa caminhada. Grupos sociais e econômicos, nações e impérios se constituíram, tiveram seu crescimento, apogeu, estabilidade e decadência. Forças criadoras e destrutivas da humanidade estiveram presentes na nossa história e a certeza do porvir tem sido o constante movimento e transformação da vida no planeta.

Como mencionado em análises anteriores, estamos vivenciando um momento histórico de grande complexidade, tudo estando interligado e sob impacto de fortes mudanças. A velha organização econômica, social, política e cultural está morrendo e a nova ainda não nasceu. Esse processo está gerando um quadro de incertezas. Pode-se traduzir essa situação como um período em que estão entrando em colapso as formas de produção, distribuição e consumo das riquezas na sociedade, mas também estão em transformação as maneiras de nos relacionar como seres humanos e com o próprio planeta.

Os principais marcos históricos de constituição e decadência de ordem econômica, social e política mundial, segundo Fiori (2024), podem ser assim resumidos:

- O primeiro ordenamento foi constituído a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, durou de 1945 e 1991 e foi apoiada pelas duas potências que saíram vitoriosas da Segunda Guerra Mundial: EUA e URSS, mas que, no entanto, foi arquitetada de fato e liderada pelos EUA, devido à sua supremacia atômica e econômica, consagrada pelos Acordos de Bretton Woods, que fizeram do dólar americano a moeda de referência da economia capitalista mundial. Marcam essa fase as instituições multilaterais surgidas a partir da criação das Nações Unidas, em outubro de 1945, do Fundo Monetário Internacional, do Banco





Mundial, da Organização Mundial do Comércio, da Organização Mundial da Saúde etc.

- A crise desse ordenamento dos pós 1945 começou na década de 70 com o abandono do “Padrão Dólar” e dos Acordos de Bretton. Nesse período, o mundo viveu a primeira grande crise econômica do pós-Segunda Guerra Mundial marcada por sucessivos “choques do preço do petróleo” e aumentos da taxa de juros norte-americana (décadas de 1970 e 1980). Fato importante também nessa quadra histórica, foi a derrota dos EUA na Guerra do Vietnã em 1973.
- Nos anos 1980, o “keynesianismo”² e o “desenvolvimentismo”³ do pós-Segunda Guerra Mundial foi sendo substituído pelo novo projeto econômico global liderado pelas potências anglo-saxônicas: o neoliberalismo, que juntamente com a crise da URSS e a queda do Muro de Berlim acabou com a bipolaridade do período da Guerra Fria.
- Nascia então uma nova “ordem mundial”, sustentada agora pelo poder unipolar dos EUA, conquistado por meio de suas vitórias na Guerra Fria (1989/91) e na Guerra do Golfo (1991/92). Nessa nova ordem unipolar dos EUA potencializou-se ainda mais o projeto econômico neoliberal de abertura e desregulação dos mercados e globalização das finanças mundiais. Os EUA reservaram para si o direito unilateral de fazer “guerras humanitárias” e de declarar e atacar o “terrorismo” em qualquer lugar do mundo, segundo seu exclusivo arbítrio, e já sem

² “Escola de pensamento econômico baseada nas ideias do economista britânico John Maynard Keynes, que defende a intervenção do Estado na economia para promover o pleno emprego e a estabilidade econômica. O keynesianismo se opõe à visão liberal clássica de que o mercado se autorregula e propõe que o governo utilize políticas fiscais e monetárias para estimular a demanda agregada e combater crises econômicas”. https://dicionariodeeconomia.com.br/economia/keynesianismo/#google_vignette

³ “O desenvolvimentismo é a ideologia do desenvolvimento econômico dos países retardatários, que realizaram ou realizam sua revolução nacional e industrial depois que os países mais avançados se industrializaram e se tornaram imperialistas; é a estratégia que usam os países retardatários para se industrializar e alcançar os níveis de renda dos países ricos; é a alternativa à proposta de crescimento liberal e dependente que, como vimos na sua última versão, o Consenso de Washington, não promove o desenvolvimento econômico, mas a instabilidade financeira e o aumento da desigualdade. No Brasil, o nacional-desenvolvimentismo foi a estratégia dominante entre 1930 e 1980, e teve êxito em promover a industrialização ou, mais amplamente, a revolução capitalista do país”. <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4422-luiz-carlos-bresser-pereira-2>





nenhuma preocupação com as Nações Unidas e seu Conselho de Segurança.

- Esta segunda “ordem mundial” – unipolar e neoliberal – do pós-Guerra Fria começou a perder fôlego a partir da grande crise financeira de 2008, que colapsou a economia americana e a europeia. Nesse período, começou o chamado processo da “desglobalização” da economia mundial. A crise dessa ordem unipolar-neoliberal se aprofundou com a guerra econômica dos EUA contra a China, com a pandemia de covid-19, com o início da Guerra da Ucrânia, em 2022 e com o desgaste progressivo da credibilidade moral dos EUA, graças ao apoio militar e financeiro dado à política colonial de Israel na Palestina e ao ataque com consequências desumanas ao povo palestino na Faixa de Gaza.

Nesta análise, buscamos identificar e descrever as principais tendências da conjuntura internacional. Refletir sobre essas tendências é um passo imprescindível para compreendermos a realidade em cada território. Resumidamente, podemos descrevê-las da seguinte maneira: a financeirização da economia e a crise do projeto neoliberal; as desigualdades sociais e as migrações como consequências do neoliberalismo e da financeirização; a crise ambiental e o avanço do aquecimento global; o escalonamento das guerras e a mudança na geopolítica mundial; e a crise da democracia representativa e o fortalecimento da extrema direita na política.

1. TENDÊNCIAS DA ECONOMIA MUNDIAL E DA AMÉRICA LATINA EM TEMPOS DE FINANCEIRIZAÇÃO DA RIQUEZA

Neste tópico, analisamos as tendências da economia. Essa área tem sido marcada, mais fortemente desde a década de 1990, pelo processo que se denomina Financeirização Mundial, coincidindo – não por acaso – com a exacerbação da concentração de renda nas mãos de alguns setores privilegiados e aumento da desigualdade social e dos danos ambientais⁴.

⁴ FATORELLI, Maria. Lúcia. O agravamento da financeirização no Brasil. <https://www.extraclasse.org.br/opiniaio/2024/07/o-agravamento-da-financeirizacao-no-brasil/>





O fenômeno da Financeirização não surge por acaso, mas é fruto de um modelo impulsionado por organismos internacionais, como o FMI e o Banco Mundial, que passaram a promover alterações legais para permitir liberdade para a movimentação de capitais e mercadorias mundo afora, pregando grandes vantagens da denominada “globalização”, que na prática pouco entregaram à maior parte da população mundial, como nos ensina Miguel Bruno⁵ em seu brilhante artigo “*Financeirização, neoliberalismo e captura do Estado: uma tríade antidesenvolvimento do Brasil*”.

Análises semelhantes mostram que a vida econômica se organiza em duas esferas: a produtiva e a financeira. No atual e modelo de organização da economia, a riqueza se gera com muito mais intensidade na esfera financeira da economia, onde se transacionam ativos financeiros. Até então, o centro dinâmico da produção de riqueza ocorria na esfera produtiva: pelo emprego, produção e troca de mercadorias (era agrícola, era industrial e era dos serviços).

Nesse novo ambiente, “a taxa de acumulação de rendimentos é maior do que as taxas de crescimento econômico”, especialmente nos países ditos “desenvolvidos”. Essa nova forma de gerar riqueza, tende a ampliar sua concentração nas mãos de poucos e a dificultar a inserção da maioria das pessoas na vida econômica, posto que é na produção de mercadoria, ou seja, bens e serviços (esfera produtiva) que se geram as maiores oportunidades para a inserção e integração das pessoas na vida econômica.

Os estudos recentes de equipe liderada por Thomaz Pickety (2013) têm mostrado isso à exaustão, destacando sua relação profunda com a globalização. Seus estudos constataam que no longo prazo o rendimento médio do “capital dinheiro” é maior que a taxa de crescimento da economia (medido pelo PIB), o que implica que os detentores dos ativos financeiros enriquecem mais rapidamente do que o resto da população. A velocidade desse enriquecimento está tão acelerada, que o clube dos “ultra ricos” do mundo bate recorde e já conta com 15 pessoas com fortunas acima de 100 bilhões de dólares⁶.

⁵ BRUNO, Miguel. Financeirização, neoliberalismo e captura do Estado: uma tríade antidesenvolvimento do Brasil. <https://monitormercantil.com.br/financeirizacao-neoliberalismo-e-captura-do-estado-uma-triade-antidesenvolvimento-do-brasil/>

⁶ BLOOMBERG LINEA. Número de bilionários com patrimônio acima de US\$ 100 bilhões bate recorde. <https://www.bloomberglinea.com.br/internacional/numero-de-bilionarios-com-patrimonio-acima-de-us-100-bilhoes-bate-recorde/>





No Brasil, Ladislau Dowbor (2017), professor da PUC-SP, investiga como a riqueza do mundo – minérios, petróleo, trabalho, alimentos –, produzida pelo trabalho, é capturada pelos bancos e seus intermediários financeiros, com foco na experiência brasileira.

O estudo “Concentração de renda no topo: novas revelações pelos dados do IRPF” publicado recentemente pela Fundação Getúlio Vargas, evidencia a evolução diferenciada da renda por classes de rendimentos no Brasil⁷.

Miguel Bruno mostra que, nesse contexto, o fetiche da “globalização” era de fato irresistível, pois as fronteiras entre os diversos países seriam abertas, concretizando-se o antigo sonho de comunhão universal, porém, ela se consolidou essencialmente sob os aspectos comerciais e financeiros. Evidentemente, essa liberdade não se estenderia às pessoas, como vimos em inúmeras e dramáticas situações de rejeição à imigração. Que globalização é essa?

As alterações legais que avançaram em todo o mundo nos anos 1990 levaram a uma desregulamentação de normas, justamente para facilitar o trânsito de capitais e mercadorias, abrindo espaço para o avanço na criação de produtos financeiros e atuação de mecanismos que buscam a valorização do capital por ele mesmo, de forma artificial e sem a devida correspondência em geração de produto, trabalho e renda. Dessa forma, o fenômeno da Financeirização acaba influenciando não apenas a esfera pública e estatal em todo o planeta, mas afeta também a economia real privada, já que muitas empresas optam por ganhos financeiros mais fáceis e lucrativos que o obtido em sua atividade operacional.

A Financeirização aprofundou o neoliberalismo, na medida em que os ataques essencialmente ideológicos contra o Estado de bem-estar social, às regras do sistema monetário internacional estabelecidas pelo acordo de Breton Woods e às políticas keynesianas pró-crescimento e geração de

⁷ Estudo divulgado pela Fundação Getúlio Vargas aponta que a renda dos mais ricos do Brasil cresce o triplo da média do país e dobra em cinco anos, aprofundando a concentração de renda, em benefício dos super ricos. Conforme o estudo, elaborado com dados da Receita Federal de 2017 a 2022, os estratos mais ricos brasileiros – os 5% mais ricos, 1% mais rico e 0,1% mais rico - aumentaram suas rendas em 51%, 67% e 87% respectivamente, ao mesmo tempo em que os 95% mais pobres tiveram um aumento de apenas 33%, o que representa um ganho real praticamente nulo, dado que a inflação (IPCA) de 2018 a 2022 acumulou 32%. Estudo resumido em <https://observatorio-politica-fiscal.ibre.fgv.br/politica-economica/pesquisa-academica/concentracao-de-renda-no-topo-novas-revelacoes-pelos-dados-do>





emprego eram convenientes à defesa da desregulamentação almejada, consolidando a implementação de modelos econômicos dependentes da alta finança internacional com seus interesses rentistas e operações especulativas:

“Esta é a origem dos processos de financeirização que se espalhou pelo mundo, graças ao advento das novas tecnologias da comunicação e da informação que permitiu a formação de mercados globais sob tutela dos interesses geopolíticos e geoeconômicos dos EUA. Com praticamente todos os canais financeiros internacionais controlados por Washington, a economia desse país se torna, na década de 1990, a mais financeirizada do mundo (Boyer, 2000). Fato que lhes permitiu até a atualidade subordinar e controlar os mercados bancário-financeiros tanto dos países europeus quanto os da América Latina e de demais regiões do mundo”.

A captura dos Estados nacionais passou a ficar cada vez mais evidente, sendo submetidos a esse modelo econômico que privilegia cada vez mais o grande capital rentista com liberdade, desonerações fiscais e ganhos certos e fáceis.

Em alguns países, como o Brasil – que abriu indiscriminadamente a sua economia para produtos internacionais na década de 1990, levando a indústria nacional a perdas profundas, que não se recuperaram até os dias atuais –, o ganho financeiro passou a vir principalmente pela remuneração de títulos públicos, emitidos para financiar o Estado em tempos de endividamento público. O período a partir de então se caracteriza pela aplicação de política monetária ultra ortodoxa, com juros elevadíssimos, sob a desculpa de controlar inflação, mesmo quando as causas dos aumentos de preços não permitem que eles se reduzam quando os juros aumentam.

A fim de garantir recursos para essa elevada remuneração rentista, medidas de ajuste fiscal ganham cada vez maior importância, no discurso oficial e na mídia, visando a conter e até a reduzir os investimentos sociais para que sobrem cada vez mais recursos para pagamento da chamada dívida pública. Se inicialmente buscar o controle dos gastos públicos para priorizar gastos com a chamada dívida foram objeto de acordos com o FMI e Banco Mundial, as medidas que impõem limites para gastos sociais passaram a ser incorporadas em normas legais, chegando a ocupar, por exemplo no Brasil, a Constituição Federal com a Emenda 95 aprovada em 2016, quando foi





definido um teto de gastos que perduraria por 20 anos! Evidentemente tal medida absurda não sobreviveu por muito tempo, no entanto, foi substituída pelo arcabouço fiscal (Lei Complementar 200/2023), que mantém o teto de gastos sociais com flexibilização mínima, com o crescimento real máximo de apenas até 2,5% ao ano e ainda sujeita a arrojadas metas de superávit primário⁸, enquanto não impõe limite ou controle algum ao gasto financeiro com a dívida pública.

Esse fato evidencia o avanço do fenômeno da Financeirização sobre as finanças públicas, submetendo o orçamento federal à priorização da remuneração rentista, em detrimento do atendimento às necessidades sociais urgentes da maior parte da população e o seu direito ao desenvolvimento socioeconômico.

Voltando a dinâmica da esfera produtiva da economia, segundo o relatório de Perspectivas Econômicas Globais do Banco Mundial, a economia global deve se estabilizar em 2024 com um crescimento projetado de 2,6%, aumentando ligeiramente para 2,7% em 2025-26, mas ainda abaixo da média de 3,1% registrada na década anterior à COVID-19. As economias em desenvolvimento devem crescer anualmente 4% em 2024-25, enquanto as economias avançadas terão um crescimento mais modesto de 1,5% em 2024, subindo para 1,7% em 2025. As economias de baixa renda, por outro lado, devem ver uma aceleração de 3,8% em 2023 para 5% em 2024 (World Bank, 2024).

Apesar de uma aparente estabilização, as perspectivas para as economias mais pobres são preocupantes, com muitos desses países enfrentando níveis altos de recursos sendo utilizados para pagamento dos serviços da dívida, comércio restrito e eventos climáticos gerando impactos significativamente negativos. Em 2024, um em cada quatro países em desenvolvimento será mais pobre do que antes da pandemia, com essa proporção dobrando em países afetados por conflitos. A renda *per capita* nas economias em desenvolvimento deverá crescer anualmente 3,0% até 2026, bem abaixo da média de 3,8% registrada antes da pandemia, indicando um

⁸ O chamado "resultado primário" é a diferença entre as "receitas primárias" (em sua maioria representada tributos) e as "despesas primárias", que representam os investimentos sociais, ou seja, não incluem o gasto com a dívida pública. Desta forma, para cumprir a meta de "resultado primário", é preciso controlar e cortar investimentos sociais, porém, não os gastos com a dívida pública, que desta forma podem continuar sem controle.





aumento na diferença de renda entre economias desenvolvidas e em desenvolvimento.

O relatório do Banco Mundial, de abril de 2024⁹, também destaca a importância do investimento público para estimular o crescimento econômico, especialmente em economias em desenvolvimento. O crescimento do investimento público nessas economias caiu pela metade desde a crise financeira global de 2007, mas há estimativas de que aumentar o investimento público em 1% do PIB pode elevar a produção em até 1,6% no médio prazo. Além disso, pequenos estados enfrentam desafios fiscais crônicos, com muitos em alto risco de perda de controle da sua dívida. Reformas abrangentes, melhorias na eficiência dos gastos e políticas globais coordenadas são necessárias para garantir um caminho fiscal sustentável para esses países.

As projeções de crescimento do PIB mundial mostram desigualdades significativas em termos de capacidade de recuperação das economias. Ao confrontar os resultados do PIB mundial e das diferentes regiões com as projeções feitas em 2020, percebe-se que as médias mundiais e para a maioria das regiões foram menores que o esperado. No entanto, no grupo dos países de renda baixa os impactos negativos foram mais severos do que se esperava. Enquanto as demais regiões do mundo se mostram resilientes às crises e retomam suas trajetórias de crescimento, os países mais pobres ainda não encontraram o caminho para recuperar o ritmo de crescimento anterior e muito menos para sair da pobreza.

Na América Latina o cenário também é preocupante uma vez que o crescimento das economias da América Latina e do Caribe tem sido fraco há muitos anos. De acordo com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) o crescimento do PIB regional tem sido lento nos últimos 15 anos gerando impactos negativos nas políticas voltadas para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Além disso, as projeções são de que o crescimento econômico da região deve permanecer fraco em 2024, com apenas 1,9%: 1,4% na América do Sul, 2,7% no grupo que inclui América Central e México, e 2,6% no Caribe. No que tange aos objetivos de

⁹ BANCO MUNDIAL. Building Resilience in the Face of Uncertainty: IDA's Multi-Faceted Approach to Crisis Preparedness Saves Lives. https://www.worldbank.org/en/news/immersive-story/2024/06/21/building-resilience-in-the-face-of-uncertainty?intcid=ecr_hp_headerC_2024-07-22-IDAImmersive





desenvolvimento sustentável, a CEPAL estima que 22% das metas foram ou serão alcançadas até 2030. No entanto, 46% das metas, embora estejam na direção certa, não têm avançado na velocidade suficiente para serem atingidas. Já 32% das metas não serão alcançadas até 2030 (ECLAC, 2024).

Os desafios enfrentados pela região são atribuídos a fatores diversos tais como o crescimento lento, baixos níveis de comércio e investimento, fluxos migratórios crescentes e decorrentes de fatores diversos. Além disso, a região enfrenta desigualdades crescentes dentro e entre países, insegurança alimentar, impactos negativos crescentes da revolução tecnológica sobre o mercado de trabalho, custos mais altos de financiamento internacional e efeitos adversos das mudanças climáticas¹⁰.

2. DESIGUALDADES SOCIAIS E MIGRAÇÕES COMO CONSEQUÊNCIAS DO NEOLIBERALISMO E DA FINANCEIRIZAÇÃO

As desigualdades sociais existentes no mundo continuam sendo um problema global significativo, conforme destacado por vários relatórios de organizações internacionais. O Banco Mundial destaca que os desafios combinados das mudanças climáticas, instabilidade econômica e conflitos geopolíticos têm exacerbado as desigualdades, particularmente nos países de baixa renda. Essas nações estão lutando para se recuperar dos impactos econômicos da pandemia de COVID-19 e enfrentam crescentes encargos da dívida, que desviam recursos de serviços essenciais como saúde e educação (World Bank, 2024).

Apesar de aparentemente o mundo possuir riqueza e recursos suficientes para garantir um padrão de vida decente para toda a humanidade, muitas pessoas, especialmente nos países mais pobres como Burundi, Sudão do Sul e República Centro-Africana continuam vivendo em extrema pobreza. Em outros países como o Afeganistão, a Síria e a Eritreia vivem há anos em instabilidade política e conflitos que tornam impossível até mesmo ter informações confiáveis sobre as condições de vida das pessoas.

¹⁰ Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC), The Challenge of Accelerating the 2030 Agenda in Latin America and the Caribbean: Transitions towards Sustainability (LC/FDS.7/3), Santiago, 2024.





As causas da pobreza e da desigualdade persistentes no mundo são diversas e vão desde a forma de colonização, passando por ineficiência e corrupção em alguns governos, dependência externa, endividamento, aplicação das políticas neoliberais, guerras, condições climáticas severas dentre outras.

Além dessas causas recorrentes, mais recentemente, as pessoas mais desfavorecidas em todo o mundo sofreram as mais intensas consequências sociais e econômicas mais severas da pandemia de coronavírus. Nos países mais pobres do mundo, onde também predominam altos níveis de trabalho informal, não havia redes de segurança social ou empréstimos temporários suficientes para manter os negócios abertos e os trabalhadores empregados. O Banco Mundial previu que, em países de baixa e média renda, a geração atual de estudantes pode perder até 10% de sua renda média anual futura¹¹.

Antes da pandemia, a fração da população mundial vivendo em extrema pobreza havia caído para menos de 10%. A pandemia não apenas interrompeu, mas reverteu esse progresso: desde o início da emergência de saúde até o final de 2022, o Banco Mundial estimou que mais 198 milhões de pessoas provavelmente entraram na faixa de extrema pobreza. Mais recentemente, a instituição também afirmou que metade dos 75 países mais vulneráveis do mundo estão enfrentando um aumento na desigualdade de renda em relação às economias mais ricas pela primeira vez neste século. Nas últimas duas décadas, acreditava-se amplamente que a convergência econômica progressiva entre países ricos e pobres acabaria ocorrendo, como resultado das nações de baixa renda geralmente melhorando seus padrões de vida mais rápido do que as economias maduras. No entanto, um em cada três desses 75 países vulneráveis, que abrigam um quarto da humanidade, 1,9 bilhão de pessoas, hoje é mais pobre do que era na véspera da pandemia de Covid-19.

Os números são impressionantes: segundo o FMI, nos 10 países mais ricos do mundo, o PIB *per capita* anual é superior a US\$ 69.000. Já nos 10 países mais pobres é inferior a US\$ 670¹². O pior é que a pobreza tende a gerar mais pobreza. Na última edição do relatório Perspectivas Econômicas Globais, o

¹¹ Global Finance (2024). Poorest Countries in the World 2024. <https://gfmag.com/data/economic-data/poorest-country-in-the-world/>

¹² Fundo Monetário Internacional (FMI). World Economic Outlook. April/2024. <https://www.imf.org/external/datamapper/datasets/WEO>





Banco Mundial (World Bank, 2024) explica como as nações empobrecidas podem afundar ainda mais na dificuldade: “O declínio do crescimento implica piora nas perspectivas ou nos padrões de vida e na redução da pobreza global. Um ambiente de baixo crescimento entrincheirado, juntamente com altas taxas de juros, ameaçaria a sustentabilidade da dívida e poderia alimentar tensões sociais e dificultar a transição verde. Além disso, expectativas de crescimento mais fraco podem desencorajar investimentos em capital e tecnologias e, assim, em parte, se tornar uma profecia autorrealizável”¹³.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) em seu relatório de tendências para 2024 destaca que embora as taxas globais de desemprego tenham melhorado ligeiramente em relação aos níveis pré pandemia, o progresso na redução das desigualdades tem sido lento. O relatório alerta que as disparidades persistentes em oportunidades de emprego e renda, com os países de baixa renda enfrentando taxas mais altas de desemprego e persistência de trabalho informal. Além disso, a desigualdade de renda aumentou, com muitos trabalhadores em países em desenvolvimento vivendo na pobreza extrema ou moderada¹⁴.

As novas projeções indicam que o desemprego global cairá em 2024. Porém, as desigualdades nos mercados de trabalho persistirão, com as mulheres em países de baixa renda sendo particularmente afetadas. Neste relatório, a previsão da OIT é de que a taxa de desemprego global em 2024 será de 4,9%, abaixo dos 5,0% em 2023. No entanto, a tendência de queda do desemprego deve se estabilizar em 2025, com o desemprego permanecendo em 4,9%.

Cabe destacar que a previsão é que a falta de oportunidades de empregos persistirá e que o “gap de empregos” – que mede o número de pessoas sem trabalho, mas que desejam trabalhar para 2024 é de 402 milhões de pessoas. Isso inclui 183 milhões de pessoas consideradas desempregadas.

De acordo com o relatório:

¹³ Organização das Nações Unidas. Reduced inequalities. <https://unstats.un.org/sdgs/report/2023/Goal-10/>

¹⁴ Organização Internacional do Trabalho (OIT). World Employment and Social Outlook. Maio de 2024. <https://www.ilo.org/pt-pt/resource/news/oit-espera-que-desemprego-global-caia-ligeiramente-em-2024-mas-o-lento>





"Apesar de nossos esforços para reduzir as desigualdades globais, o mercado de trabalho continua sendo um campo desigual, especialmente para as mulheres," disse o Diretor-Geral da OIT, Gilbert F. Houngbo. "Para alcançar uma recuperação sustentável cujos benefícios sejam compartilhados por todos, devemos trabalhar em políticas inclusivas que considerem as necessidades de todos os trabalhadores. Devemos colocar a inclusão e a justiça social no centro de nossas políticas e instituições. Se não fizermos isso, falharemos em nosso objetivo de garantir um desenvolvimento forte e inclusivo." (OIT, 2024).

Dados detalhados do relatório mostram que as mulheres, especialmente em países de baixa renda, são desproporcionalmente afetadas pela falta de oportunidades. O gap de empregos para mulheres em países de baixa renda atinge 22,8%, contra 15,3% para os homens. Isso contrasta com países de alta renda, onde a taxa é de 9,7% para mulheres e 7,3% para homens.

Essas diferenças são apenas a "ponta do iceberg", pois significativamente mais mulheres do que homens estão completamente afastadas do mercado de trabalho. O relatório menciona que responsabilidades familiares podem explicar grande parte da diferença nas taxas de emprego entre mulheres e homens. Globalmente, 45,6% das mulheres em idade ativa estão empregadas em 2024, em comparação com 69,2% dos homens.

Mesmo quando as mulheres estão empregadas, tendem a ganhar muito menos do que os homens, particularmente em países de baixa renda. Enquanto as mulheres em países de alta renda ganham setenta e três centavos para cada dólar ganho pelos homens, essa cifra cai para apenas quarenta e quatro centavos em países de baixa renda.

De forma mais geral, apesar da adoção, em 2015, da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, o progresso na redução da pobreza e da informalidade desacelerou em comparação com a década anterior. O número de trabalhadores em emprego informal cresceu de aproximadamente 1,7 bilhão em 2005 para 2,0 bilhões em 2024. Para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, "uma abordagem abrangente" para reduzir a pobreza e a desigualdade é urgentemente necessária, conclui o relatório.

O Fórum Econômico Mundial também observa em sua reunião de 2024 que, apesar de algumas melhorias, são necessários esforços significativos para abordar as disparidades econômicas. A divisão digital em andamento e a





falta de acesso a educação de qualidade e a serviços de saúde são fatores contribuintes importantes para os níveis sustentados de desigualdade em diferentes regiões¹⁵.

Em abril de 2024 o *World Food Program* USA afirmou que a crise climática é uma crise humanitária e que “não é um problema de um futuro distante. A crise climática está afetando a vida das pessoas hoje. À medida que as temperaturas aumentam, a fome também aumenta. Em todo o mundo, os meios de subsistência das pessoas estão se esgotando e seus sonhos são levados pelas enchentes”.¹⁶ Essas afirmações foram feitas antes das tragédias que devastaram o Rio Grande do Sul durante o mês de maio de 2024. Mas muito antes disso, em 2019 já havia alertas de que as mudanças climáticas estavam provocando mais migrações do que as guerras e crises e instabilidades econômicas¹⁷.

Já existe amplo reconhecimento internacional sobre o aumento das temperaturas globais estar alimentando uma crise global de fome e de migrações climáticas. As temperaturas mais altas estão tornando eventos climáticos extremos, como enchentes, ciclones e ondas de calor, mais frequentes e mais intensos – com efeitos catastróficos nas vidas e meios de subsistência das pessoas em todo o mundo. Também são vastas as evidências de que as comunidades mais pobres são as que sofrem mais, apesar de contribuírem menos para a crise climática. Desastres climáticos destroem cadeias de abastecimento de alimentos e podem destruir infraestruturas vitais, como estradas e pontes, dificultando o transporte de alimentos para as pessoas. Enchentes pesadas e deslizamentos de terra podem destruir redes rodoviárias e sistemas ferroviários. Para comunidades remotas que dependem de uma única estrada ou ponto de acesso, as cadeias de abastecimento de alimentos locais podem ser interrompidas. Isso também dificulta muito a distribuição de alimentos por agências de ajuda a famílias famintas. Essa foi a

¹⁵ Davos AM24. The World in Numbers: Inequality. <https://www.weforum.org/events/world-economic-forum-annual-meeting-2024/sessions/the-world-in-numbers-inequality/>

¹⁶ World Food Program USA. How Climate Change Is Causing World Hunger. April/2024. <https://www.wfpusa.org/articles/how-climate-change-is-causing-world-hunger/>

¹⁷ Instituto Humanitas Unisinos. A mudança climática causa mais migrações do que guerras e fatores econômicos. Maio de 2019. https://www.ihu.unisinos.br/categorias/589305-a-mudanca-climatica-causa-mais-migracoes-do-que-guerras-e-fatores-economicos?gad_source=1&qclid=Cj0KCQjwhb60BhCIARIsABGGtw-79VKYYSfTua8ayhrSYd7dLh0qc2ldg9HP24TgzYSr033KnRvITDgaAjVJEALw_wcB





realidade vivida por muito brasileiros durante as enchentes do Rio Grande do Sul^{18 19}.

Em resumo, a luta contra as desigualdades sociais em 2024 enfrenta múltiplos obstáculos, incluindo instabilidade econômica, medidas de proteção social insuficientes e recuperação desigual da pandemia. Abordar esses desafios requer esforços globais coordenados e políticas direcionadas para garantir um crescimento inclusivo e acesso equitativo a oportunidades e recursos.

3. O CRESCIMENTO DA EXTREMA DIREITA NA POLÍTICA MUNDIAL

Pela quantidade e importância dos processos, 2024 tem sido apresentado como ano eleitoral mundial. Alguns processos que já tiveram forte impacto no noticiário mundial foram as eleições presidenciais no México, no Parlamento Europeu, nas regionais da Itália, na Índia, no Reino Unido e na França. As eleições na Venezuela e principalmente nos Estados Unidos ainda provocam forte atenção dos analistas. A principal economia do mundo vive dias conturbados no seu processo eleitoral com atentados contra o candidato presidencial Trump e a mudança de última hora da candidatura do partido democrata devido a desistência do presidente Biden de concorrer a sua reeleição.

Como podemos observar nos resultados apresentados a seguir, alguns fenômenos começam a se repetir e a se definir como tendência internacional. As eleições estão sendo duramente disputadas por forças de extrema direita que vêm se consolidando nas duas últimas décadas em contraposição a grupos tradicionais de diferenciado espectro ideológico - da centro-direita à esquerda. No geral, o que se pode observar é que não existe uma vitória absoluta de nenhum dos grupos, mas que existe o fortalecimento de uma extrema direita que não era expressiva como fenômeno mundial desde o final da segunda guerra mundial.

¹⁸ DELFIM, Rodrigo Borges. O conceito de refugiado ambiental: um tema que não pode ser ignorado. Migra Mundo. Abril de 2018. <https://migramundo.com/o-conceito-de-refugiado-ambiental-um-tema-que-nao-pode-ser-ignorado/>

¹⁹ BARBOSA, Julia. Quem são os Refugiados Ambientais? Universidade Federal de Goiás. Cátedra Sérgio Vieira de Mello. <https://csvm.ufg.br/n/140699-quem-sao-os-refugiados-ambientais#:~:text=Apesar%20de%20ainda%20n%C3%A3o%20reconhecido,ONU%20para%20o%20Meio%20Ambiente>





No México, a segunda economia latino-americana, ganhou com folga a esquerda. Claudia Sheinbaum alcançou a presidência – 60% dos votos – depois de governar a Capital, eleger sua sucessora, Clara Brugada, na Cidade do México, e estar alinhada ao projeto do presidente Lopez Obrador e seu partido, o MORENA.

Candidato	Jogo	aliança	Por partida		Por candidato	
			Votos	Porcentagem	Votos	Porcentagem
 Claudia Sheinbaum Pardo	 Movimento de Regeneração Nacional	Vamos continuar fazendo história	27 364 649	 45,52%	35 924 519	 59,75%
	 Partido Verde Ambiental do México		4 677 057	 7,78%		
	 Partido Trabalhista		3 882 813	 6,45%		
 Xóchitl Gálvez Ruiz	 Partido de Ação Nacional	Força e coração para o México	9 644 918	 16,04%	16 502 697	 27,45%
	 Partido Revolucionário Institucional		5 736 759	 9,54%		
	 Partido da Revolução Democrática		1 121 020	 1,86%		
 Jorge Álvarez Máynez	 Movimento cidadão				6 204 710	 10,32%
	Candidatos não registrados				83 114	 0,13%
	Votos válidos				58 631 926	 97,53%
	Votos nulos				1 400 144	 2,32%
Total de votos expressos					60 115 184	 100,00%
Habitantes registrados/Participação cidadã					98 468 994	 61,04%

Fonte: Contagens distritais do Instituto Nacional Eleitoral (INE). 56

Para o Parlamento Europeu, os eleitores nos 27 Estados-membros da União Europeia (UE) ampliaram a força da extrema-direita, causando problemas para os governos francês e alemão. O partido de extrema-direita francês Reagrupamento Nacional, de Marine Le Pen obteve o dobro do apoio do partido Renascentista, do presidente Emmanuel Macron, levando-o a dissolver a Assembleia Nacional e a convocar eleições legislativas antecipadas. Outro partido de semelhante orientação ideológica, a Alternativa para a Alemanha (AfD), subiu para o segundo lugar nas sondagens. Embora muito atrás da coalizão CDU-CSU, por anos liderado pela ex-chanceler Angela Merkel, superou os sociais-democratas do chanceler Olaf Scholz, deixando-o ainda mais enfraquecido enquanto continua a lutar





à frente de uma coligação instável²⁰. Na Itália, o Irmãos da Itália, grupo de extrema-direita alcançou mais de quatro vezes o que conquistou na última eleição da União Europeia em 2019, e superou a votação que obteve no pleito nacional de 2022, quando chegou ao poder.

Entretanto, logo em seguida, nas eleições regionais italianas, a esquerda conquistou municípios chaves. O resultado foi um revés para a primeira-ministra conservadora, Georgia Meloni que tinha vencido as eleições para o Parlamento Europeu. Das 14 grandes cidades que passaram ao segundo turno, 7 acabaram nas mãos da centro-esquerda, cinco da direita e duas de uma lista cívica.

As eleições gerais do Reino Unido colocaram um ponto final a 14 anos de governo conservador. O Partido Trabalhista alcançou a maioria absoluta, com mais de 400 deputados eleitos, e Keir Starmer ~~vai~~ passou a ocupar o cargo de primeiro-ministro britânico²¹.

Na França, outra reviravolta em relação à eleição para o Parlamento Europeu. A esquerda venceu as eleições legislativas, mas não formou maioria absoluta. O bloco de esquerda Nova Frente Popular atingiu 182 assentos, ante 168 da coalizão governista de centro e 143 da extrema direita²².

²⁰ O GLOBO. Entenda o resultado das eleições para o Parlamento Europeu em 5 pontos. <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2024/06/10/entenda-o-resultado-das-eleicoes-para-o-parlamento-europeu-em-5-pontos.ghtml>

²¹ Observador. Os resultados das eleições do Reino Unido. <https://observador.pt/2024/07/05/os-resultados-das-eleicoes-do-reino-unido-trabalhistas-voltam-ao-poder-14-anos-depois-com-maioria-absoluta-catastrofe-para-conservadores/>

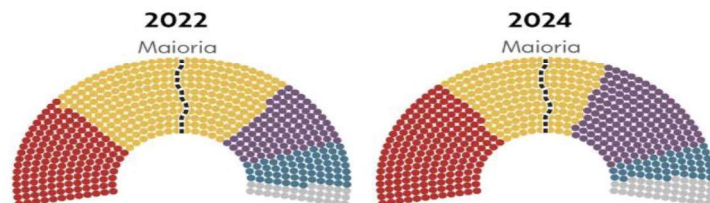
²² G1. França: Em reviravolta, esquerda vence eleições legislativas, mas não forma maioria. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/07/07/eleicoes-na-franca-vitoria-esquerda.ghtml>





Eleição na França

Coalizão de esquerda fica em 1º e extrema direita, em 3º



Partido	2022	2024	Diferença
● Nova Frente Popular	149	↑ 182	+33
● Juntos	250	↓ 168	-82
● Reunião Nacional	88	↑ 143	+55
● Republicanos	61	↓ 45	-16
● Outros	29	↑ 39	+10

g1 Infográfico elaborado em: 07/07/2024

INFOGRÁFICO mostra como era e como fica o Parlamento da França após as eleições legislativas — Foto: Arte g1

Outro importante processo, pelo inigualável tamanho de colégio eleitoral, ocorreu na Índia. Os principais concorrentes foram a Aliança Democrática Nacional (NDA), liderada pelo Partido Bharatiya Janata, e a opositora Aliança Nacional Inclusiva para o Desenvolvimento da Índia (ÍNDIA), liderada pelo Congresso Nacional Indiano. Na casa legislativa de 543 assentos, a atual aliança NDA garantiu a maioria com 293 assentos, que incluíam 240 assentos do partido BJP, enquanto a coalizão de oposição ÍNDIA obteve 234 assentos, incluindo 99 assentos do partido do Congresso. O direitista Narendra Modi seguiu como primeiro-ministro, embora seu partido BJP tenha perdido a maioria²³.

Como analisamos em documentos anteriores, estamos num período em que o neoliberalismo assumiu uma forma mais extrema, fenômeno que os analistas denominam como “ultra neoliberalismo”. Para garantir sua escalada de reprodução, esse modelo econômico, social e político ataca os direitos

²³Wikipedia. Results of the 2024 Indian general election. https://en.wikipedia.org/wiki/Results_of_the_2024_Indian_general_election#:~:text=The%20INC%20led%20INDIA%20alliance,previous%20predictions%20from%20exit%20polls.





humanos²⁴ e, para se justificar, utiliza o discurso o ódio²⁵, as *fakes news*²⁶ e o *lawfare*²⁷. Identifica inimigos a serem eliminados: imigrantes²⁸, população LGBTQIA+²⁹, ambientalistas³⁰, ativistas sociais etc. Nesse modelo, há casos em

²⁴ Ver como exemplo o Relatório Mundial 2023 do *Human Rights Watch*. Disponível em <https://www.hrw.org/pt/world-report/2023>. Acesso em 18 nov. 2023.

²⁵ O discurso do ódio está vinculado à utilização de palavras “que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião” ou ainda à sua potencialidade ou “capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas”, cf. BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso do ódio? algumas observações sobre o direito alemão e o americano. *Direito Público*, Porto Alegre, ano 4, n.15, p.117-136, jan./mar. 2007.

²⁶ “Fake news são coisas inventadas, magistralmente manipuladas para parecerem notícias jornalísticas críveis, que são facilmente espalhadas online”, cf. KLEIN, D. O.; WUELLER, J. R. Fake news: a legal perspective. *Internet Law* 20 (10), 2017, pp. 5-13. Disponível em <https://papers.ssrn.com/sol3/papers>. Acesso em 28 out. 2023. As “fake news” tornaram-se nos últimos anos uma espécie de chavão, uma expressão usada de forma exagerada, muitas vezes como uma explicação rápida e fácil para os problemas da sociedade atual. “Nesse sentido, consideramos (...) que as fake news não devem ser sobrevalorizadas e tomadas como a causa única de experiências históricas complexas como o *Brexit* ou a eleição de Donald Trump. Defender tal perspectiva seria desconsiderar todo o contexto atual de capitalismo digital, ignorar uma série de especificidades culturais e oferecer uma visão reducionista que oculta as múltiplas razões que tiveram papel relevante na conformação desses votos”, Cf. ALVES, Marco Antônio Sousa; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. *O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto*. Disponível em <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/o-fenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto.pdf>. Acesso em 28 out. 2023.

²⁷ Para Streck, o *lawfare* é a “construção fraudulenta do raciocínio jurídico para perseguir fins politicamente orientados”. Cf. STRECK, Lenio Luiz. *Enciclopédia do golpe* - Vol. 1. Bauru: Canal 6, 2017, p. 119.

²⁸ Conforme o ACNUR, havia 108,4 milhões de pessoas deslocadas à força em todo o mundo no final de 2022 como resultado de perseguição, conflito, violência, violação de direitos humanos ou eventos que perturbaram gravemente a ordem pública. Disponível em <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/#:~:text=108%2C4%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas,perturbaram%20gravemente%20a%20ordem%20p%C3%ABlica..> Acesso em 18 nov. 2023.

²⁹ Apenas para se avaliar as mortes deste universo em 2022, no Brasil ocorreram 273 mortes LGBT de forma violenta no país. Dessas mortes 228 foram assassinatos, 30 suicídios e 15 outras causas, conforme o “Dossie” de Mortes e Violências contra LGBTI+”. Disponível em <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022>. Acesso em 28 nov. 2023.

³⁰ O relatório anual da *Global Witness* informa que pelo menos 177 ativistas ambientais foram assassinados em 2022 em todo o mundo. Disponível em file:///C:/Users/admin/Downloads/Global_Witness_Annual_Report_September_2022.pdf; http://C:/Users/admin/Downloads/Global_Witness_Annual_Report_September_2022.pdf. Acesso em 18 nov. 2023.





que se recorre à instrumentalização das religiões e das igrejas. E, para se viabilizar, precisa enfraquecer e/ou destruir as democracias³¹.

No cenário global, os ataques à democracia retornaram, com novas roupagens, de um antigo movimento da extrema direita do século 20, o fascismo³². Tal movimento possui organização internacional e consegue, em muitos lugares, captar o sentimento antissistema de populações desesperadas pela perda de direitos, pela violência e pela exclusão social.

Em novembro de 2022, a Cidade do México recebeu a nova edição da Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC), que acontece desde 1974 nos Estados Unidos e que nesse ano de 2024 ocorreu em Balneário Camboriú (SC), de 6 a 7 de julho³³. Entre as principais referências internacionais presentes no evento de 2022 estavam os estadunidenses Steve Bannon e Ted Cruz e o espanhol Santiago Abascal, além de representantes da direita regional, como Eduardo Bolsonaro (Brasil), José Antonio Kast (Chile), Alejandro Giammattei (Guatemala) e Javier Milei (Argentina), dentre outros.

Nessa conjuntura, os processos eleitorais, tão importantes na democracia representativa, não estão conseguindo equacionar os conflitos e as sociedades seguem divididas depois dos resultados das urnas. Eleições polarizadas e sociedades divididas parecem indicar uma crise da democracia representativa³⁴. Ao lado da desigualdade social – que se alastra no planeta sob muitas formas e se reflete em precariedade das condições de trabalho, fome, doenças, guerras e migrações forçadas dos pobres da terra –, as “condições sociais da democracia” se apresentam de forma turbulenta.

³¹ Cf. LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

³² Adotamos aqui o uso do conceito de fascismo de forma genérica e não histórica. Ele é “genérico para englobar a maior novidade política do século 20, um fenômeno de massas que engloba nacionalismo, reacionarismo, autoritarismo e populismo, e não encontra antecedentes históricos. Tanto mais, que não morre em 1945, mas se altera ciclicamente conforme migra no espaço-tempo”, cf. PAXTON, Robert. *A anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

³³ PODER 360. Bolsonaro chega a Santa Catarina para evento conservador com Milei. <https://www.poder360.com.br/poder-gente/bolsonaro-chega-a-santa-catarina-para-evento-conservador-com-milei/>

³⁴ Comissão Interamericana de Direitos Humanos. 5 anos após o início da crise de direitos humanos na Nicarágua: a CIDH convoca para a restauração da democracia e expressa solidariedade às vítimas. <https://www.oas.org/pt/cidh/jsForm/?File=/pt/cidh/prensa/notas/2023/067.asp>. Acesso em 28 out. 2023.





4. AS MUDANÇAS NA GEOPOLÍTICA GLOBAL, OS CONFLITOS E AS GUERRAS

A quantidade de conflitos no planeta tem crescido em proporções assustadoras. Alguns analistas já caracterizam a situação, pelo número de conflitos, como uma terceira guerra mundial “distribuída”. As guerras com maior presença nos meios de comunicação são a da Rússia e Ucrânia, pela possibilidade de se avançar a um conflito nuclear e de Israel e Palestina, pelo desumano massacre do povo palestino em Gaza³⁵. Outros conflitos guardam mortes, destruição e potencial de ampliação em amplas regiões do planeta: Burkina Faso, Somália, Sudão, Iêmen, Mianmar, Nigéria e Síria³⁶.

As elevadas tensões geopolíticas decorrentes das guerras, polarização política, efeitos da pandemia de Covid-19, migrações decorrentes de múltiplos fatores e instabilidades econômicas estão mudando as ligações globais e aumentando o foco em políticas direcionadas a aumentar a preservação das cadeias de suprimentos e segurança nacional. O próprio FMI reconhece que os países estão reavaliando seus parceiros comerciais com base em preocupações econômicas e de segurança nacional. Com isso, os fluxos de investimento estrangeiro direto estão sendo redirecionados ao longo de linhas geopolíticas. Alguns países estão reavaliando sua forte dependência do dólar em suas transações internacionais e reservas (Gopinath, 2024).

Diante desse novo cenário geopolítico, Gopinath (2024) sugere analisar as relações comerciais internacionais com base em três blocos: um bloco alinhado aos EUA, um bloco alinhado à China e um bloco de países não alinhados. Considerando esse rearranjo, a autora mostra que o crescimento médio ponderado do comércio, trimestre a trimestre, entre os países alinhados aos EUA e os países alinhados à China entre o segundo trimestre de 2022 e o terceiro trimestre de 2023, foi quase 5 pontos percentuais menor do que o crescimento médio trimestral ponderado do comércio ocorrido entre o primeiro trimestre de 2017 e o primeiro trimestre de 2022. Por sua vez, após a invasão da Ucrânia pela Rússia, o comércio e o investimento estrangeiro direto

³⁵ Sobre o conflito em Gaza, o Tribunal Penal Internacional (TPI) expediu ordens de detenção contra os líderes de Israel (primeiro-ministro Benjamin Netanyahu e o ministro da defesa Yoav Gallante) e do Hamas (Yahya Sinwar, Mohammed Deif e Ismail Haniya) por crimes de guerra e crimes contra a humanidade. <https://www.conjur.com.br/2024-mai-22/tpi-sinaliza-persecucao-criminal-de-liderancas-ocidentais-pela-primeira-vez/>

³⁶ BBC NEWS BRASIL. Quais são as grandes guerras em curso no mundo — e por que algumas chamam menos atenção? <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c192m733912o>





(IED) entre blocos diminuíram aproximadamente 12% e 20%, respectivamente, a mais do que os mesmos fluxos dentro dos blocos. O estudo mostra que esses padrões não são impulsionados unicamente pelos EUA ou pela China e se mantêm mesmo quando esses dois países são excluídos da análise.

Apesar desses realinhamentos o volume de comércio mundial ainda não sofreu reduções tão significativas. A razão apontada para a fragmentação atual ter impactado menos o comércio do que durante a guerra fria é a emergência de novas rotas de comércio passando pelos atualmente chamados países conectores. De acordo com o FMI, essa estratégia tem contribuído para amenizar os efeitos da fragmentação na geopolítica internacional sobre o comércio, investimentos e crescimento mundial. Apesar disso, o órgão compara os efeitos do atual contexto com o da guerra fria e afirma que:

“A fragmentação do comércio é muito mais onerosa desta vez porque, ao contrário do início da Guerra Fria, quando o comércio de bens em relação ao PIB era de 16%, agora essa proporção é de 45%. Além disso, enquanto naquela época os países dentro de um bloco estavam eliminando restrições comerciais, agora estamos em um ambiente de crescente protecionismo, com vários países se voltando para dentro”.

“O papel potencial dos países não alinhados nas fricções comerciais atuais também torna a situação hoje diferente da experiência da Guerra Fria. As evidências sugerem que tais países não desempenhavam um papel importante como conectores entre blocos rivais durante a Guerra Fria — provavelmente porque tinham uma pegada econômica muito menor e as cadeias de suprimentos globais ainda não estavam desenvolvidas. Hoje, eles têm maior peso econômico e diplomático e estão muito mais integrados à economia global. Seu papel como conectores desta vez pode ajudar a atenuar alguns dos custos da fragmentação” (IMF, 2024 sp)³⁷.

De toda forma, a desaceleração do crescimento global é influenciada pela transformação das cadeias produtivas, pelo conflito entre Rússia e Ucrânia, e pela competição tecnológica entre grandes potências, elevando a volatilidade nos mercados financeiros e de *commodities*. Isso gerou pressão inflacionária global e forçou os bancos centrais a endurecerem suas políticas

³⁷ GOPINATH, Gita. (2024). Geopolitics and its Impact on Global Trade and the Dollar. Series on the Future of the International Monetary System (IMS). <https://www.imf.org/en/News/Articles/2024/05/07/sp-geopolitics-impact-global-trade-and-dollar-gita-gopinath>.





monetárias, diminuindo os fluxos de capital para mercados emergentes. As grandes economias globais estão buscando reduzir riscos e reconfigurar cadeias produtivas. A instabilidade geopolítica, incluindo o conflito entre Hamas e Israel e a significativa crise imobiliária na China, agrava a fragmentação geoeconômica e a incerteza. Segundo relatório da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), de abril de 2024, a economia global deve crescer 3,0% em 2023 e 2,9% em 2024, abaixo da média histórica de 3,8%, sendo que as economias avançadas devem desacelerar, enquanto economias emergentes e em desenvolvimento devem crescer 4,0% em ambos os anos³⁸.

As mudanças na geopolítica, em geral impactam os chamados riscos geopolíticos. Os riscos geopolíticos são os potenciais riscos econômicos, militares, políticos e sociais decorrentes do envolvimento de uma nação em assuntos internacionais e derivam das grandes mudanças de poder, dos conflitos ou das crises em outras nações ou regiões do mundo. São considerados riscos geopolíticos, os riscos decorrentes de eleições, polarização e conflitos dentro e entre estados. Fatores como instabilidade econômica de uma nação, suas relações políticas com outros países e sua força militar também podem contribuir para aumentar esses riscos. Os riscos apresentam efeitos inevitáveis e podem ser de grande alcance tanto para o país em questão quanto para a comunidade global como um todo.

Em junho de 2024, em matéria intitulada “Os 10 principais desdobramentos geopolíticos para 2024”, a Academia de Executivos – Escola de Gestão de Negócios, destacou a multipolaridade como a principal característica no atual contexto internacional. Considera que “um maior número de intervenientes poderosos moldará um sistema global cada vez mais complexo. Ao mesmo tempo em que grandes potências – a UE, os EUA e a China – continuarão a moldar profundamente o ambiente operacional global” (AE, 2024, sp).

No entanto, consideram que “os Estados geopolíticos indecisos – países como a Índia, a Arábia Saudita, a Turquia, a África do Sul e o Brasil que não

³⁸Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC). The Challenge of Accelerating the 2030 Agenda in Latin America and the Caribbean: Transitions towards Sustainability (LC/FDS.7/3), Santiago, 2024.
<https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/15388446-8b73-44c2-b6e1-44d5b687b32f/content>





estão especificamente alinhados com nenhuma grande potência ou bloco – ganharão mais influência na agenda internacional” (AE, 2024 sp).

Na perspectiva da Academia de Executivos, os 10 principais desenvolvimentos geopolíticos colocados em 2024 para o setor empresarial são:

1. O multiverso geopolítico:

A crescente influência dos estados geopolíticos indecisos e dos intervenientes menores que procuram mudar o status quo criará um multiverso mais complexo. As empresas devem realinhar a sua presença global e a sua estratégia empresarial para se adaptarem a um cenário geopolítico multipolar.

2. Geopolítica da Inteligência Artificial (IA):

A dupla corrida para inovar e regular a IA acelerará a mudança em direção a blocos geopolíticos distintos. As empresas precisam desenvolver modelos de negócio e estratégias tecnológicas em torno da IA que considerem as diferentes abordagens regulamentares nos mercados.

3. Desafios internos nos EUA e na China:

Os riscos políticos são ampliados em cada mercado e podem ter repercussões na geopolítica e no crescimento global. As empresas devem considerar os desafios internos nos EUA e na China, bem como o seu impacto em outros países expostos a estes dois mercados, nas estratégias empresariais.

4. Superciclo eleitoral global:

As múltiplas eleições que se avizinham em todo o mundo irão gerar incerteza regulamentar e política, com implicações a longo prazo para as estratégias industriais, as políticas climáticas e os conflitos militares em curso. As empresas precisam realizar análises de cenário para explorar os impactos potenciais.

5. Priorização da segurança econômica:

As medidas de segurança econômica para “mitigar o risco” das interdependências globais serão uma ferramenta primordial na competição geoestratégica. As empresas devem avaliar se partes das suas cadeias de valor são estratégicas para os governos agora ou estratégicas no futuro e adaptar a sua estratégia de cadeia de valor em conformidade com tais avaliações.





6. A agenda de diversificação:

A diversificação da cadeia de valor representará riscos políticos positivos e negativos para as empresas que entram ou se expandem em mercados alternativos. As empresas devem repensar as suas estratégias de cadeia de suprimentos e potencialmente expandir a capacidade de produção e as relações com os fornecedores em novos mercados.

7. Geopolítica dos oceanos:

A concorrência nos oceanos do mundo será mais intensa em 2024, com implicações nas cadeias de valor, nos fluxos de dados, no abastecimento alimentar e na segurança energética. As empresas devem criar resiliência aos potenciais impactos dos aumentos das taxas de seguro do transporte marítimo, atrasos nos embarques ou cargas e navios danificados.

8. Concorrência por commodities:

A competição geopolítica será mais intensa para garantir o abastecimento de minerais, alimentos e água, itens essenciais. As empresas precisam analisar o acesso atual e futuro às fontes de energia renovável e à água nos mercados de todo o mundo, bem como o potencial de atenção pública à sua utilização de água e energia.

9. Políticas verdes duplas:

Os objetivos nacionais de crescimento econômico e segurança energética promoverão as políticas climáticas dos países. As empresas devem incorporar riscos e oportunidades orientados por políticas nas agendas de sustentabilidade, mantendo-se, ao mesmo tempo, à frente da curva regulatória em nível mundial.

10. Imperativo de adaptação climática:

Mesmo que os decisores políticos se esforcem por mitigar as alterações climáticas por meio da redução das emissões, a urgência da adaptação aos atuais riscos físicos das alterações climáticas ganhará maior destaque. As empresas devem explorar oportunidades de investimento em soluções baseadas na natureza e outras iniciativas de adaptação.

Os impactos do conflito na Ucrânia têm reverberado globalmente, especialmente afetando os países do Sul Global que ainda se recuperam dos efeitos da pandemia de COVID-19. As consequências incluem aumentos nos preços de alimentos e energia, escassez de fertilizantes e restrições fiscais, prejudicando a recuperação econômica e a segurança social desses países.





Para enfrentar esses desafios, os países do Sul Global estão ajustando suas estratégias econômicas e políticas, tentando navegar um cenário internacional cada vez mais incerto e fragmentado, e buscando manter o progresso em direção aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (Mthembu, 2024).

A fato de a Rússia e a Ucrânia serem grandes produtoras de commodities, as interrupções causadas pelo conflito e as sanções associadas fizeram os preços globais dispararem, especialmente de petróleo e gás natural. Os custos dos alimentos também aumentaram, com o trigo, no qual Ucrânia e Rússia representam 30% das exportações globais, atingindo um preço recorde. O Egito é um exemplo de país que importa cerca de 80% de seu trigo da Rússia e da Ucrânia, além de tradicionalmente atrair muitos turistas desses países. As sanções sem precedentes impostas à Rússia têm causado interrupções nas cadeias de suprimentos e nos canais de pagamento, forçando-a a encontrar meios alternativos para levar seus produtos ao mercado e criar formas alternativas de pagamento. A remoção da Rússia do sistema de pagamento SWIFT tem sido especialmente disruptiva, principalmente para países com laços econômicos mais próximos. Assim, a criação de sistemas de pagamento alternativos tornou-se uma alta prioridade para ela, a fim de manter suas relações econômicas com os países do Sul Global.

Os aumentos nas taxas de juros pelo Federal Reserve dos EUA e pelo Banco Central Europeu, destinados a combater a inflação, resultaram em um aumento acentuado da dívida externa dos países do Sul Global, com mais de 90 países à beira de uma crise da dívida em 2022. Esses aumentos de juros também enfraqueceram as moedas destes países em relação ao dólar, euro e libra esterlina, elevando os custos de reembolso da dívida e de importação de itens essenciais. As economias do Sul Global, que dependem de importações de petróleo enfrentaram déficits fiscais e comerciais maiores e mais pressão inflacionária, enquanto alguns exportadores se beneficiaram de preços mais altos, aumentando suas receitas com commodities como petróleo, cobre, minério de ferro, milho, trigo e metais.

O conflito na Ucrânia tem desviado a atenção global dos desafios de desenvolvimento para o aumento dos gastos militares, afetando desproporcionalmente os países do Sul Global. Esses países enfrentam pressões diplomáticas dos EUA e de seus aliados europeus para condenar a





Rússia, com ameaças veladas contra aqueles que não se alinham com suas posições. A África do Sul, por exemplo, sofreu consequências econômicas e reputacionais após ser falsamente acusada de fornecer armas à Rússia. Além disso, as sanções unilaterais dos EUA e da Europa, como a exclusão da Rússia do sistema SWIFT e o congelamento de suas reservas estrangeiras, geraram receios sobre a possibilidade de outras nações enfrentarem medidas semelhantes, levando a uma busca por mecanismos alternativos de pagamento e uso de moedas locais.

A resistência dos países do Sul Global a sanções unilaterais, como as aplicadas à Rússia, Irã, Cuba e Venezuela, reflete uma preocupação com a erosão dos canais diplomáticos e a necessidade de reformas no sistema da ONU. O prolongamento do conflito pode alterar a ordem econômica e geopolítica global, com países do Sul Global buscando fortalecer cadeias regionais de valor e reconsiderar suas reservas em dólar. Essa reconfiguração pode exacerbar a fragmentação econômica e comercial, à medida que os países tentam se adaptar a um ambiente de crescente competição geopolítica e incerteza.

Neste contexto de reconfigurações geopolíticas internacionais, afloram problemas regionais graves. Na América Latina o processo eleitoral parece ainda distante de um encerramento. A declaração da vitória de Nicolás Maduro foi imediatamente contestada pela oposição e diversos países (18 até o momento) não reconheceram o resultado divulgado, sendo que apenas 10 países reconheceram oficialmente a reeleição do Presidente³⁹. Há um forte movimento para que haja uma negociação, mediada pelo Brasil, Colômbia e México, cujos governos defendem que o impasse eleitoral no país vizinho se dê pelas vias institucionais e pedem “máxima cautela e contenção” em manifestações e eventos públicos para evitar a escalada de episódios violentos, de forma a priorizar o bem da população, tal como pediu o Papa Francisco, no domingo, 4 de agosto, no Vaticano, após a oração do Angelus⁴⁰. De qualquer forma, a falta de clareza na contagem dos votos tem

³⁹ PODER 360. Saiba quais países não reconhecem a vitória de Maduro na Venezuela. <https://www.poder360.com.br/poder-internacional/saiba-quais-paises-nao-reconhecem-a-vitoria-de-maduro-na-venezuela/>

⁴⁰ VATICAN NEWS. No Angelus o pensamento do Papa pela Venezuela, Líbano, Índia, Portugal e párocos. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-08/angelus-pensamento-papa-venezuela-libano-india->





sido criticada tanto pela oposição quanto por observadores internacionais, que exigem transparência no processo eleitoral do país, o que vem sendo reforçado por esses três países, que cobram a apresentação das atas detalhadas com os resultados das urnas.

A questão é que, independentemente do resultado, a Venezuela enfrenta há anos severa crise política, econômica (agravadas, por um lado, pelas sanções dos EUA, do Canadá e da União Europeia, desde 2008 e amenizadas por investimentos chineses e apoio financeiro, militar e tecnológico da Rússia, Belarus, Turquia e Cuba) e social, resultando em volume impressionante de refugiados e migrantes para os países da América Latina⁴¹, e que precisam ser resolvidas. O Brasil abrigou cerca de 600 mil venezuelanos ao longo dos governos Chávez e Maduro⁴². Há fortes denúncias de recrudescimento das tensões internas com as eleições de 28 de julho⁴³, que incluem vínculo do governo Maduro com crimes políticos de extermínio dos opositores e controle da imprensa, narcotráfico, corrupção e crimes socioambientais⁴⁴.

Mesmo quando o campo da resolução se dá no espaço das relações diplomáticas, a América Latina tem muitas dificuldades. A Nicarágua é um exemplo. O relacionamento diplomático entre o Brasil e a Nicarágua complicou-se, após o governo nicaraguense recentemente expulsar o embaixador brasileiro, Breno Souza da Costa. A medida foi uma retaliação à

portugal.html#:~:text=O%20Papa%20recordou%20tamb%C3%A9m%20a,em%20breve%20justi%C3%A7a%20e%20verdade%22. Acesso em ago. 2024.

⁴¹ Dados da Organização Internacional das Migrações (OIM) de abril de 2024 apontam que, em todo o mundo, há cerca de 7,7 milhões de pessoas venezuelanas refugiadas e migrantes, sendo que 6,6 milhões vivem nos países da América Latina e do Caribe, disponível em [https://brasil.iom.int/pt-br/news/estudo-da-oim-refugiados-e-migrantes-venezuelanos-geram-um-impacto-economico-positivo-de-529-milhoes-de-dolares-na-colombia#:~:text=Dados%20de%20abril%20de%202024,Am%C3%A9rica%20Latina%20e%20do%20Caribe](https://brasil.iom.int/pt-br/news/estudo-da-oim-refugiados-e-migrantes-venezuelanos-geram-um-impacto-economico-positivo-de-529-milhoes-de-dolares-na-colombia#:~:text=Dados%20de%20abril%20de%202024,Am%C3%A9rica%20Latina%20e%20do%20Caribe. Acesso em 7 ago. 2024). Acesso em 7 ago. 2024.

⁴² Cf. dados da a Plataforma Regional de Coordenação Interagencial R4V (Response for Venezuelans), sob a direção da Secretário-Geral das Nações Unidas, da ACNUR e da OIM, disponível em <https://www.r4v.info/pt/brazil>. Acesso em 7 ago. 2024.

⁴³ Trecho: "Os registros (...) relatam 24 pessoas falecidas entre o domingo, 28 de julho, e a segunda-feira, 05 de agosto, em eventos e protestos relacionados com as eleições", segundo um relatório da ONG de direitos humanos Provea, incluindo um militar". Cf. O GLOBO. *Número de mortos em protestos contra resultados da eleição na Venezuela sobe para 24*. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2024/08/06/numero-de-mortos-em-protestos-contra-resultados-da-eleicao-na-venezuela-sobe-para-24.ghtml>. Acesso em 7 ago. 2024.

⁴⁴ Cf. APPLEBAUM, Anne. *Autocracy, INC – the dictators who want to run the world*. Doubleday, New York, 2024, p. 9.





ausência do Brasil nas celebrações dos 45 anos da Revolução Sandinista, além de ser um reflexo das tensões crescentes entre os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Daniel Ortega. Parte delas decorre da tentativa de mediação do governo brasileiro com relação a prisão de padres e bispos no país, em conjunto com o Vaticano. Aplicando o princípio da reciprocidade na diplomacia, o governo brasileiro mandou embora, no dia 8 de agosto, a embaixadora da Nicarágua em Brasília, Fulvia Matu.

Ao analisar esse contexto instável e desafiador de reconfiguração geopolítica internacional, Fiori (2024) argumenta que estamos diante da transição de uma ordem mundial unipolar e globalizada para uma ordem mundial multipolar e desglobalizada. Essa transição, segundo o autor, é complexa e não linear, e há incertezas tanto sobre o ponto de partida quanto sobre o destino. A atual situação mundial é caracterizada por um processo de implosão e fragmentação da ordem estabelecida, com múltiplos conflitos e nenhuma perspectiva clara de resolução ou de estabelecimento de uma nova ordem bem definida e consensual.

A competição entre as potências regionais emergentes e as potências ocidentais tradicionais está se intensificando. Este enfrentamento ocorre sem o estabelecimento de regras claras, da constituição de uma ética internacional ou respeito às normas econômicas, refletindo um cenário de conflito generalizado. Não há consenso sobre uma nova hierarquia de poder mundial, e nenhum país ou grupo de países possui a capacidade de impor sua vontade globalmente. As guerras e crises econômicas e sociais contribuem para a degradação das referências éticas e da hegemonia cultural do Ocidente.

Não há clareza sobre o que constituirá uma nova ordem mundial multipolar. A ordem não deve se assemelhar ao sistema bipolar da Guerra Fria nem à ordem unipolar pós-Guerra Fria. Ainda que um clube de grandes potências, incluindo EUA, China, Rússia, Índia e talvez uma União Europeia transformada possa emergir, a estrutura de poder dentro deste grupo permanece incerta. Existe a possibilidade de uma ordem mais democrática ou, ao contrário, de uma nova forma de hegemonia concentrada em poucas potências.

Vislumbra-se um futuro incerto e potencialmente turbulento, com o mundo enfrentando um longo período de instabilidade e conflitos locais. A defesa da multipolaridade pode se tornar uma bandeira para países e povos





oprimidos pelo domínio ocidental, mas o formato exato dessa nova ordem permanece indefinido. O autor sugere que o mundo deve se preparar para uma prolongada fase de incerteza e possíveis conflitos, enquanto o sistema internacional se ajusta a uma nova configuração de poder (FIORI, 2024).

Entretanto, há outras concepções sobre tais mudanças desse novo contexto geopolítico e como agir diante delas, para além da constante reafirmação do caminho da paz, como afirmamos no texto de Análise de Conjuntura de abril de 2024. Além da análise de um mundo multipolar, com mais de um centro de poder, por exemplo Estados Unidos, China, Europa, Rússia e talvez a Índia, há a possibilidade de noutro campo, termos um quadro de uma nova Guerra Fria, ou o que chamam de Guerra Fria 2.0⁴⁵.

Olhando para o futuro, pelo menos até metade do presente século, o que o se consegue ver, é um período longo de turbulência, instabilidade e imprevisibilidade, com uma sucessão de conflitos e guerras locais, que deve se prolongar por décadas.

5. O AQUECIMENTO GLOBAL E OS RUMOS DA CRISE AMBIENTAL

“As mudanças climáticas ameaçam o desenvolvimento global e a estabilidade internacional”

A frase acima parece ter sido escrita em 2024 e reflete perfeitamente o sentimento que temos hoje sobre os eventos climáticos recentes ocorridos no Brasil e no mundo. Porém, essa frase é o título de um texto de 2007, publicado pelo *German Institute of Development and Sustainability (IDOS)*, que almejava chamar atenção para a importância de mudar o comportamento e as ações dos países em relação ao modo de produção e à lógica do crescimento dos países. O texto destacava também que:

Uma "mudança climática perigosa" só pode ser prevenida se o regime pós-Kyoto for acordado até o final de 2009, o que permitiria uma redução global pela metade das emissões de gases de efeito estufa até 2050. Se isso falhar, nas próximas décadas, pode-se esperar aumentos de temperatura que levarão a mudanças fundamentais e irreversíveis no sistema da Terra. Isso poderia minar o desenvolvimento

⁴⁵ E que nos oferece uma “transição hegemônica” nas relações internacionais e vários dilemas, cf. CNBB, Texto de Análise de Conjuntura DEMOCRACIAS E SOCIEDADES DIVIDIDAS – Tendências, riscos e esperanças, 2 de abril de 2024.





humano global, sobrecarregar as capacidades de enfrentamento social, especialmente nos países em desenvolvimento, e colocar em risco a estabilidade do sistema internacional (Bauer e Messner, 2007 p.1).

De forma bastante semelhante, em número especial de 2008, do *American Journal of Preventive Medicine*, totalmente dedicado à questão das mudanças climáticas, Mark E. Keim, MD destaca que:

“As Mudanças climáticas globais aumentarão a probabilidade de eventos climáticos extremos, incluindo ondas de calor, secas, incêndios florestais, ciclones e precipitação intensa que podem causar inundações e deslizamentos de terra. Esses eventos criam necessidades significativas de saúde pública que podem exceder a capacidade local de resposta, resultando em morbidade ou mortalidade excessiva e na declaração de desastres. A vulnerabilidade humana a qualquer desastre é um fenômeno complexo com dimensões sociais, econômicas, de saúde e culturais. A vulnerabilidade a desastres naturais tem dois lados: o grau de exposição a perigos perigosos (susceptibilidade) e a capacidade de lidar com ou recuperar-se das consequências do desastre (resiliência).” (Mark E. Keim, MD, 2008).

Mais uma vez a atualidade do texto é impressionante. Porém, mais uma vez o texto foi escrito há mais de quinze anos.

Apesar dos alertas científicos as ações efetivas para mitigar os efeitos climáticos foram insuficientes e incapazes de evitar os efeitos sobre os mais pobres. As consequências do modelo de crescimento e de gestão dos recursos naturais está agravando as crises humanitárias. O relatório da Organização Internacional para Migração de 2024 (OIM) destaca que os padrões de migração estão se tornando cada vez mais complexos sendo impulsionados e impactados pelas mudanças no mundo atual. Conflitos, mudanças climáticas, degradação ambiental e desenvolvimento desigual estão cada vez mais levando ao deslocamento e à migração irregular. As projeções são de que em 2024, quase 300 milhões de pessoas ao redor do mundo precisarão de assistência humanitária e proteção devido a conflitos, emergências climáticas e outros fatores (IOM, 2024).

Ao longo da última década, eventos climáticos – incluindo enchentes, tempestades e incêndios florestais – causaram mais de 200 milhões de novos deslocamentos em todo o mundo. Só em 2022, desastres relacionados ao clima causaram 32,6 milhões de novos deslocamentos, representando 53%





dos novos deslocamentos internos registrados globalmente. Segundo projeções desenvolvidas pela OIM, esse número só aumentará nas próximas décadas, à medida que mais e mais comunidades forem impactadas pelos efeitos adversos das mudanças climáticas. Por exemplo, o número de pessoas expostas ao calor extremo dobrará, enquanto aquelas expostas a enchentes de rios mais que triplicarão, passando de cerca de 8 milhões para 28 milhões. As pessoas expostas à falha de colheitas triplicarão, enquanto o aumento das temperaturas globais médias resultará em um aumento de dez vezes no número de pessoas expostas a secas até 2090, de cerca de 5 milhões para 57 milhões. Dados e análises atuais da OIM mostram que os deslocados internos têm 20 vezes mais chances de tentar retornar a uma área afetada por conflitos do que a uma área de origem afetada pela seca. Compreender como, quando e onde as comunidades serão afetadas pelas mudanças climáticas é crucial para a comunidade humanitária oferecer ações antecipatórias e soluções eficazes (IOM, 2024).

Nesse ambiente, novas concepções de desenvolvimento começam a ser gestadas, tendo como foco um outro padrão de relação entre a sociedade humana e a natureza. Novos modelos produtivos avançam, como a “economia circular” e a “economia regenerativa”. Na primeira, busca-se reduzir ao máximo possível o uso de recursos naturais no processo produtivo e, na segunda, se avança para realizar a recuperação de ecossistemas degradados. Nesse caso, práticas de comunidades tradicionais (indígenas e quilombolas, no caso brasileiro) tendem a ganhar visibilidade.

6. SINAIS DE ESPERANÇA NA CONJUNTURA INTERNACIONAL

6.1 Papa Francisco: líder global.

Papa Francisco: líder global. Não se trata de uma constatação endógena à Igreja. Há um reconhecimento consolidado à comunidade das Nações da grande liderança que o Papa Francisco tem exercido nessa segunda década do novo milênio.

Em artigo no prestigiado portal alemão Deutsche Welle, o jornalista e teólogo Christoph Strack escreveu que a escolha do argentino Jorge Bergoglio como líder da Igreja, em 13/03/2013, foi uma guinada para o catolicismo mundial: “muitas das mais de 40 viagens de Francisco ao exterior o levaram





até as margens extremas da comunidade mundial ou das respectivas sociedades nacionais. Quanto mais perdura seu papado, mais severas se tornam suas críticas aos países industrializados e, em especial, aos europeus. Esse fato pode ser interpretado como uma reviravolta, se não geopolítica, pelo menos da geopolítica eclesial: Bergoglio não é europeu, e isso numa Igreja Católica tradicionalmente de cunho europeu e de ideologia eurocêntrica". Citando o historiador e vaticanista Massimo Faggioli, a reportagem assevera que "Está claro que Francisco é o primeiro papa realmente global, um papa não ocidental que libertou a religião das ideias de uma classe média moralista burguesa que ainda definiam o que é catolicismo"⁴⁶.

Noutra reportagem distribuída pelo "Estadão Conteúdo", os articulistas Anthony Faiola, Cat Zakrzewski e Stefano Pitrelli afirmam que o "Papa Francisco não sabe usar computador, mas virou um líder global em inteligência artificial" e por isso, entre outros motivos, "Francisco se tornou o primeiro papa a se dirigir aos líderes do G-7, participando de uma sessão de cúpula dedicada à inteligência artificial"⁴⁷.

Em 2020, por exemplo, a enquete de valoração dos líderes mundiais realizada anualmente pela Gallup International situava em primeiro lugar o Papa Francisco, seguido, à época, por Angela Merkel e Emmanuel Macron, como os únicos que obtinham saldos positivos (opinião favorável menos opinião desfavorável) nesta era de descontentamento global⁴⁸.

As referências acima confirmam a liderança de Francisco não somente como autoridade religiosa, mas também como uma liderança global. São inúmeras as iniciativas que o Papa Francisco tem liderado, globalmente, num dos momentos mais dramáticos da história, quando uma "tempestade perfeita" (crises econômicas, ecológica, política, ética, sanitária...) sacode o

⁴⁶ STRACK, Christoph. Dez anos com Francisco, o primeiro papa realmente global. <https://www.dw.com/pt-br/dez-anos-com-francisco-o-primeiro-papa-realmente-global/a-64944482>. Acesso em 16jul2024.

⁴⁷ FAIOLA, Anthony; Zakrzewski, Cat e Pitrelli, Stefano. Papa Francisco não sabe usar computador, mas virou um líder global em inteligência artificial. <https://www.terra.com.br/byte/papa-francisco-nao-sabe-usar-computador-mas-virou-um-lider-global-em-inteligencia-artificial,e385f670a30e6e8140e5ede7c76326e3klj11ngu.html>. Acesso em 16jul2024.

⁴⁸ Instituto Humanitas Unisinos. Papa Francisco, o líder mundial. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/596884-papa-francisco-o-lider-mundial>. Acesso em 16jul2024.





mundo. “Essas iniciativas, nos planos religioso, social, cultural, ambiental e geopolítico visam a enfrentar a xenofobia, a exclusão social, os nacionalismos, os populismos e os totalitarismos que ressurgem em várias partes do mundo na atualidade, além de uma cultura individualista, consumista e do “descartável” (Souza, 2022).

Na síntese abaixo, alguns dos temas que posicionaram o Papa Francisco na condição de líder global na contemporaneidade.

6.2 A defesa da ecologia integral e a crítica à “economia que mata”

O Papa, ao contrário de uma certa unanimidade passiva que assola o Ocidente, tem sido um crítico contundente de um modelo de “economia que mata”. No encontro com os membros do Conselho em prol do capitalismo inclusivo, no Vaticano, em 11 de novembro de 2019, Francisco destacou:

“O aumento dos níveis de pobreza em escala global testemunha que a desigualdade prevalece sobre a integração harmoniosa de pessoas e nações. É necessário e urgente um sistema econômico justo, confiável e capaz de responder aos desafios mais radicais que a humanidade e o planeta devem enfrentar”. (...) “Um sistema econômico sem preocupações éticas não conduz a uma ordem social mais justa, mas leva, ao invés, a uma cultura descartável dos consumos”⁴⁹.

Sobre o tema da centralidade da economia em detrimento da política na definição dos desígnios das Nações, vale lembrar alguns recortes da encíclica *Fratelli Tutti*:

O mercado, por si só, não resolve tudo, embora às vezes nos queiram fazer crer neste dogma de fé neoliberal. Trata-se de um pensamento pobre, repetitivo, que propõe sempre as mesmas receitas perante qualquer desafio que surja”. (...) O direito de alguns à liberdade de empresa ou de mercado não pode estar acima dos direitos dos povos e da dignidade dos pobres nem acima do respeito pelo ambiente. (...) Persistem hoje no mundo inúmeras formas de injustiça, alimentadas por visões antropológicas redutivas e por um modelo

⁴⁹ FRACCALVIERI, Bianca. Capitalismo inclusivo: “ser mais” e não “ter mais”, afirma o Papa. <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-11/papa-francisco-conselho-capitalismo-inclusivo.html>. Acesso em 16 jul. 2024.





econômico fundado no lucro, que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem ⁵⁰.

Francisco se tornou uma referência internacional em relação às questões envolvendo as mudanças climáticas e às questões ambientais. Desde a divulgação da *Laudato Sí*, o documento se tornou uma referência nesse debate entre os líderes das Nações e até em sites científicos especializados, como por exemplo, observamos em texto do Observatório do Clima⁵¹.

Mas, para além da encíclica que é considerada uma referência no debate internacional, o Papa tem insistido em pautar, internacionalmente, a urgência do debate e de decisões sobre os dilemas da Casa Comum.⁵² Em encontro com os membros das Pontifícias Academias das Ciências e das Ciências Sociais que participam do encontro "Da crise climática à resiliência climática", Francisco advertiu:

A destruição do ambiente é uma ofensa a Deus, um pecado que não é apenas pessoal, mas também estrutural, que coloca seriamente em perigo todos os seres humanos, especialmente os mais vulneráveis, e ameaça desencadear um conflito entre gerações. (...) Estamos diante de desafios sistêmicos distintos, mas interligados: as mudanças climáticas, a perda da biodiversidade, a degradação ambiental, as desigualdades globais, a insegurança alimentar e uma ameaça à dignidade das populações envolvidas. Se não forem abordados de forma coletiva e urgente, esses problemas representam ameaças existenciais para a humanidade, para outros seres vivos e os ecossistemas. (...) Mas que seja claro: são os pobres da Terra que mais sofrem, apesar de serem os que menos contribuem para o problema. As nações mais ricas, cerca de um bilhão de pessoas, produzem mais da metade dos poluentes que refêm o calor. Contrariamente, os três bilhões de pessoas mais pobres contribuem com menos de 10%, mas arcam com 75% das perdas resultantes. Os 46 países menos desenvolvidos, em sua maioria africanos, são responsáveis por apenas 1% das emissões globais de CO₂. Ao invés disso, as nações do G20 são responsáveis por 80% dessas emissões. (...) A recusa em agir rapidamente para proteger os vulneráveis expostos às mudanças climáticas provocadas pelo homem é uma falha grave. O progresso ordenado é então dificultado

⁵⁰ FRANCESCO, Papa. Carta Encíclica Fratelli Tutti. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em 16 jul. 2024.

⁵¹ Observatório do Clima. Entenda ponto a ponto a encíclica "Laudato Si", do Papa Francisco. <https://www.oc.eco.br/a-enciclica-de-francisco-ponto-a-ponto>. Acesso em 16 jul. 2024.

⁵² Um artigo recente da revista internacional *Nature* avaliou como a crença na Igreja e as ações do Papa afetam as visões dos latino-americanos sobre as mudanças climáticas antropogênicas. <https://www.nature.com/articles/s44168-024-00109-1>. Acesso em 16 jul. 2024.





pela busca voraz de ganhos a curto prazo por parte das indústrias poluentes e pela desinformação, que gera confusão e dificulta os esforços coletivos para inverter a rota⁵³.

6.3O avanço do combate à onda bélica

Em relação à onda bélica, que ameaça a humanidade nos tempos atuais, Francisco não tem se omitido sobre uma situação que considera uma “terceira guerra mundial” permanente, inclusive com ameaçadas de utilização de armas nucleares. Em mensagem enviada ao cardeal Peter Kodwo Appiah Turkson, chanceler da Pontifícia Academia das Ciências Sociais por ocasião do Congresso sobre Pacem in Terris, em 2023, organizado pela instituição vaticana, o Papa advertiu: “O nosso mundo continua nas garras de uma “Terceira Guerra Mundial“ travada pouco a pouco e, no trágico caso do conflito na Ucrânia, não sem a ameaça de recorrer às armas nucleares”⁵⁴.

6.4 A crescente crítica ao avanço das desigualdades sociais

Outro tema que sempre amplifica internacionalmente a presença de Francisco no debate que se dá no concerto das Nações é sobre sua preocupação com uma das chagas da desigualdade e da exclusão que marcam a humanidade contemporaneamente:

“Não existe democracia com a fome, não há desenvolvimento com pobreza, e ainda menos, justiça na desigualdade. (...) Elevados níveis de pobreza são o indicador mais claro da injustiça distributiva que prevalece no mundo. A periferia cresce, e o centro do poder, da riqueza, se restringe cada vez mais. Em outras palavras, a maior parte do dinheiro e das oportunidades beneficia alguns poucos”⁵⁵.

⁵³ JAGURABA, Mariangela. O Papa: a destruição do ambiente ofende a Deus, trabalhar para a cultura da vida. <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-05/papa-francisco-pontificias-academias-ciencias-crise-clima.html>. Acesso em 16 jul. 2024.

⁵⁴ Instituto Humanitas Unisinos. Papa Francisco eleva o nível de alarme: “O mundo está nas garras de uma terceira guerra mundial, com a ameaça de armas nucleares”. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/632543-papa-francisco-eleva-o-nivel-de-alarme-o-mundo-esta-nas-garras-de-uma-terceira-guerra-mundial-com-a-ameaca-de-armas-nucleares>. Acesso em 16 jul. 2024.

⁵⁵ UOL. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2021/10/02/nao-ha-democracia-se-existe-fome-diz-papa-francisco>. <https://noticias.uol.com.br/ultimas->





A crítica à crescente desigualdade distributiva tem encontrado eco em vários países e uma das propostas para mitigar o avanço de tamanha desigualdade social é a de ampliar a taxaço dos bilionários, objeto de análise de vários estudos mundo a fora. No Brasil, dado o exagerado padrão de concentraço da renda e o perfil do Sistema Tributário Nacional, excessivamente benevolente aos integrantes do topo de pirâmide de renda, haveria espaço para iniciativa neste sentido. Duas integrantes da elite empresarial brasileira (Luiza Trajano e Maria Alice Setúbal) e dois dirigentes do alto escalão Federal, todos do CDESS ("Conselhão"), ligado à Presidência da República, acabam de fazer esta defesa em artigo publicado no jornal Folha de São Paulo⁵⁶.

O Papa tem enfatizado em suas ações e peregrinaçoões temas dos mais complexos: a questão do trabalho humano (como um daqueles direitos sagrados que devem ser preservados a cada pessoa, num cenário de aviltamento dos direitos trabalhistas, em muitos países); propõe um pacto educativo global; promoveu o Sínodo da Amazônia e inovou na relação com outras denominaçoões religiosas, promovendo encontros marcantes com lideranças de diversas tradiçoões ao longo do seu pontificado. Essas, entre outras ações, colocam Francisco no rol das lideranças que marcam esse início do século XXI. (Souza, 2022).

REFERÊNCIAS:

- AE (2024) – Academia de Executivos – Escola de Gestão de Negócios. Os 10 principais desdobramentos geopolíticos para 2024. <https://academiadeexecutivos.com/os-10-principais-desdobramentos-geopoliticos-para-2024/>
- APPLEBAUM, Anne (2024). Autocracy, INC. – the dictators who want to run the world. Doubleday, New York.
- BAUER, Steffen e MESSNER, Dirk (2007). Climate Change Threatens Global Development and International Stability. <https://www.idos->

[noticias/ansa/2021/10/02/nao-ha-democracia-se-existe-fome-diz-papa-francisco](https://www.idos-noticias/ansa/2021/10/02/nao-ha-democracia-se-existe-fome-diz-papa-francisco). Acesso em 16 jul. 2024.

⁵⁶ Folha de São Paulo, secçoão Tendências/Debates, página A3, "Sim, taxem os bilionários", 28 de julho de 2024.





research.de/fileadmin/migratedNewsAssets/Files/7_2007_EN.pdf. Acessado em 18.07.2024.

DOWBOR, Ladislau. A era do capital improdutivo, 2017, Editoras: Outras Palavras & Autonomia Literária. Apoio: Fundação Perseu Abramo.

FIORI, José Luís. (2024). A “multipolaridade” e o declínio crônico do Ocidente. https://aterraeredonda.com.br/a-multipolaridade-e-o-declinio-cronico-do-ocidente/#_edn1. Acessado em: 26.07.2024.

International Monetary Fund (IMF) 2024. Geopolitics and its Impact on Global Trade and the Dollar. May 7, 2024. <https://www.imf.org/en/News/Articles/2024/05/07/sp-geopolitics-impact-global-trade-and-dollar-gita-gopinath>. Acessado em:17.07.2024.

International Displacement and Monitoring Centre (IDMC). (2023) Global Report on Internal Displacement 2023 (GRID 2023): Internal displacement and food security. <https://reliefweb.int/report/world/global-report-internal-displacement-2023-grid-2023-internal-displacement-and-food-security>

International Organization for Migration (IOM), 2024. Global Appeal 2024. IOM, Geneva. <https://reliefweb.int/report/world/world-migration-report-2024>

KEIM, Mark E. MD (2008). Building Human Resilience: The Role of Public Health Preparedness and Response As an Adaptation to Climate Change. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0749379708006879>

GOPINATH, Gita. (2024). Geopolitics and its Impact on Global Trade and the Dollar. Series on the Future of the International Monetary System (IMS). <https://www.imf.org/en/News/Articles/2024/05/07/sp-geopolitics-impact-global-trade-and-dollar-gita-gopinath>. Acessado em 17.07.2024.

MTHEMBU, Philani (2024). How the War Is Impacting the Global South. Institute for Global Dialogue. <https://igd.org.za/2024/02/06/how-war-hits-the-global-south/>. Acessado em 20.07.2024

PICKETY, Thomaz. *Le Capital au XXIe siècle*, Thomas Piketty, 2013, coleção *Les Livres du nouveau monde*, p. 976, editor - Éditions du Seuil

SOUZA, R. S. R. *A aurora de um novo humanismo: ideias e ações do Papa Francisco*. IN: MOL, J. G. Mol et al. *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*. São Paulo, Paulus, 2022, p. 34.





WORLD BANK (2024). Global Economic Prospects
<https://openknowledge.worldbank.org/server/api/core/bitstreams/6feb9566-e973-4706-a4e1-b3b82a1a758d/content>. Acessado em 17.07.2024.

